

Texto para a Nação Zumbi

Hermano Vianna

Escrevi este texto em 1993, a pedido do Helder, hoje também DJ Dolores, que estava preparando alguma arte gráfica (não me lembro bem com que finalidade) para a Nação Zumbi. Resolvemos não publicá-lo naquele momento, mas anos depois o Jorge du Peixe sugeriu que fizesse parte da capa do Rádio S.Amb.A em 2000. Vai aqui do jeito que mandei por email para o Helder, sem acentos, com erros e tudo... Documento da época, quase exatamente 13 anos atrás...

18/12/93

Helder - acabei minha tese ontem. Portanto minha vida estava uma loucura e nao tive tempo nem inspiracao para escrever o texto. Anotei hoje estas ideias. Mas nada ficou muito bom. Eu ligo pra voces de Joao Pessoa pra saber o que fazer. Nao tem telefone onde vou ficar. Ligo na segunda ou na terca. Abraços. Desculpa o furo

Quando o mundo comecou a ficar conectado por transmissoes de radio, numeros de telefones e industrias multinacionais, muita gente profetizou que as diferencas culturais estariam com seus dias contados. Passariamos a viver num planeta onde qualquer pessoa se veste igual, come igual, pensa igual. Hoje, depois de tantas decadas de aldeia global, essas previsoes nao podem mais ser levadas a serio. Muitas diferencas ja desapareceram, e' claro. Mas novas diferencas, produtos da voracidade com que povos do Terceiro Mundo incorporam a tecnologia ocidental, surgem todos os dias, modificando todas as fronteiras.

A musica pop e' o exemplo perfeito dessa nova realidade/variedade tecno-social. Em todos os continentes existem bandas reprocessando o rock e o funk americanos, inventando centenas de outros ritmos a partir das mesmas informacoes. A combinacao do sampler com o computador e com o equipamento de gravacao digital (cada vez mais baratos), facilitou a pirataria entre os estilos do pop e suas simbioses com tradicoes musicais de todas as culturas.

Quanto mais uma determinada cultura tem fome de tecnologia e de inovacao, mais o resultado dessas apropriacoes e' interessante. O exemplo jamaicano e' incontestavel: dos studios mais pobres de Kingston saíram, nos anos 60, tecnicas de gravacao e mixagem que ainda hoje sao copiadas pela vanguarda da musica "trance" ou "ambient". Tambem foi no gueto negro das grandes cidades americanas (o Terceiro Mundo dentro do Primeiro Mundo) que apareceram as colagens ritmicas do hip hop, da house, da techno, renovando as concepcoes de composicao musical e da relacao musica/tecnologia que dominavam a industria fonografica. E nos studios de Lagos, Nigéria, de Colombo, Sri Lanka, ou

do Cairo, Egito, estão sendo produzidas outras novas maneiras de se fazer ou pensar a música que certamente irão ser reapropriadas por músicos do resto do mundo. E assim por diante. A pobreza dos seus criadores não tem tanta importância: vale mais ter sua "fome" canalizada na direção da antropofagia cultural certa.

Isso não quer dizer que vivemos num planeta de igual oportunidade para todos. A melhor descrição para a nossa situação atual foi feita num livro de ficção científica, o *Islands in the Net* (traduzido para o português como *Piratas de Dados*), do cyberpunk Bruce Sterling: de um lado existem a Rede e os "privilegiados" que trabalham para as corporações transnacionais; do outro existem ilhas de pirataria informatizada lutando contra o domínio da Rede. Os piratas da informática, como seus antepassados marítimos, vivem em pequenos bandos mas fazem parte de uma grande rede paralela de subversão intercontinental. Eles também são os herdeiros mais contemporâneos da "bandagem" de Antonio Conselheiro, Lampião ou Zapata.

Voltando para música: hoje também existe uma grande Rede, aquela das gravadoras transnacionais, ao lado de um circuito (também transnacional) de pequenas ilhas independentes de pirataria sonoras de todos os tipos. A relação entre a Rede e as ilhas piratas não é apenas de confronto. Nada acontece de interessante sem a troca de informações, muitas vezes clandestina, muitas vezes oficial, entre esses dois territórios. A Rede precisa dos piratas (pois sua burocracia é comprovadamente incapaz de produzir inovações) e os piratas precisam da Rede (quem mais tem tanto dinheiro para desenvolver os equipamentos que todos necessitam?). Então a fome é generalizada: todo mundo buscando alimento nos lugares menos esperados.

No Brasil essa situação se complica ainda mais. Aqui só uma minoria tem acesso aos aparelhos que possibilitam a interação com a Rede ou com qualquer um dos seus tentáculos. A poucos quilômetros das grandes cidades é fácil encontrar músicos que constroem seus próprios instrumentos com a pele dos animais que eles mesmos caçaram com armas do tempo do onça. Não existe uma distância intransponível entre o totalmente rural e o iniciante ciberespaço brasileiro. Mas nada disso é exatamente um problema: se a situação é mais complexa, as possibilidades de pirataria e mediações culturais se multiplicam. E se é assim, quem tem mais fome (de bola, de tecnologia, de outras culturas) vai mais longe.

O futurologista Alvin Toffler já disse que o Brasil é um país de todas as Ondas. Aqui a Primeira Onda, da revolução agrícola, convive com a Segunda Onda, da revolução industrial, e com a Terceira Onda, da revolução informática. É difícil saber qual é a onda de quem, quem manda em que terreno, quem tem fome de quê. O Brasil é um país de famintos. Um país que (como já disse Gilberto Gil) só conhece raiz se for de mandioca. Um país que, para

saciar sua eterna fome, pode ate' misturar maracatu rural
com heavy metal. Tudo isso com molho de caranguejo mutante.
Do mais profundo mangue.

PS: Gilberto Freyre definiu, no Diario de Pernambuco em 1923, os
habitantes do Recife como um povo "amigo do silencio". Ainda
bem que os tempos mudaram.